

## ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,  
v. 23, ano 2026 | ISSNe: 2675-5432  
Editor-chefe: **Dr. Ademar Bogo**

# A onda caribenha que leva e que traz: identidade migrante e a produção literária diaspórica haitiana contemporânea

**Taíse Staudt**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH-UFSC).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5435-9383>



Recebido em: 10/11/2025  
Aprovado em: 06/03/2026  
Publicado em: 12/06/2026

### Declaração de uso da inteligência artificial

Durante a redação deste artigo, não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial em nenhuma etapa do processo. Todas as ideias, análises e interpretações são de autoria dos(as) pesquisadores(as), que assumem integral responsabilidade pelo conteúdo. Esta prática está em conformidade com os princípios de integridade acadêmica e das boas práticas editoriais.

# **A onda caribenha que leva e que traz: identidade migrante e a produção literária diaspórica haitiana contemporânea**

Taíse Staudt<sup>1</sup>

## **Resumo**

Este artigo reflete sobre como a migração é parte constituinte da identidade caribenha e como a característica diaspórica pode ser observada na cultura e na produção literária antilhana. Na análise, busco essas características nas produções contemporâneas haitianas e observo como elas vêm ocorrendo no Brasil, considerando a crescente presença haitiana no país. Para essas ponderações, dialogo principalmente com intelectuais caribenhos, com os conceitos de criouliização de Glissant, meta-arquipélago, de Rojo, e radicante, de Bourriaud, e com escritores literários haitianos contemporâneos em diáspora. Os resultados da investigação demonstram que o Caribe, além de levar sua cultura para outros lugares por meio da diáspora, produz no trânsito a reflexão sobre si. Na literatura, a característica diaspórica não pode ser desvinculada das produções caribenhas, de modo que as experiências de encontros culturais e geográficos são componentes centrais nessas produções.

---

<sup>1</sup> Formada em história pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó, possuo especialização em ensino de história e América Latina pela Universidade Federal de Integração Latino-Americana (Unila), e mestrado interdisciplinar em estudos latino-americanos pela mesma instituição. Pesquiso as áreas relacionadas a migrações, literatura e, mais recentemente, história ambiental, com temáticas voltadas ao Haiti e ao Caribe.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5435-9383>

PALAVRAS-CHAVE: Caribe; Diáspora; Identidade; Literatura.

## **Abstract**

This article reflects on how migration is a constitutive part of Caribbean identity and how the diasporic characteristic can be observed in Antillean culture and literary production. In this analysis, I seek to identify these characteristics in contemporary Haitian productions and observe how they have been occurring in Brazil, given the growing Haitian presence in the country. For these reflections, I dialogue mainly with Caribbean intellectuals, with the following concepts: Glissant's Creolization, Rojo's Meta-Archipelago, and Bourriaud's radicant, as well as with contemporary Haitian writers in the diaspora. This investigation's results demonstrate that the Caribbean, besides taking its culture to other places through diaspora, also reflects on itself through these transit experiences. In the literature, the diasporic characteristic cannot be detached from Caribbean productions, as experiences of cultural and geographical encounters are central components of these productions.

KEYWORDS: Caribbean; Mobility; Identity; Literature.

## **Introdução**

O Caribe, conjunto de ilhas localizada na América Central, é uma região frequentemente desassistida no plano da América continental. No entanto, essa região tem uma relevância histórica e cultural imensurável, em planos continentais e globais, e necessita atenção: ainda há muito a aprender sobre e com as Antilhas, de suas formações, de suas resistências, de suas culturas.

O Caribe é considerado por alguns estudiosos, como Édouard Glissant (2005), como o começo da América, o

prefácio, onde ocorreu a introdução do que aconteceria mais tarde no restante do continente. Glissant se refere ao fato de que o primeiro lugar que o navegador Cristóvão Colombo pisou no continente Americano foi uma ilha no Caribe. Refere-se ao fato de que nessas ilhas foram instaladas as primeiras moradias, plantações e estruturas coloniais, o início da formação da América que vivemos hoje, momento em que o imperialismo, a violência e a violação foram a forma de governar. Esse momento histórico, é preciso reafirmar, formou também o Caribe como região, como cultura e como identidade.

Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla realizada em formato de dissertação (Staudt, 2022), que pensa a relação entre mobilidades contemporâneas e a produção literária, com foco na produção e circulação da literatura haitiana. Neste texto, pretendo me fixar nestes dois pontos muito significativos para a região Caribenha, alicerces da sua identidade e expressões muito fortes de sua cultura: a migração<sup>2</sup> e a literatura. Demonstro, por meio de um diálogo com autores teóricos e literários, como a mobilidade é componente constituinte da identidade caribenha, pois, como veremos, o mar que cerca as ilhas do Caribe é o meio pelo qual as culturas antilhanas se conectam com o mundo, levando um pouco de si, e trazendo sempre para si algo do outro. O mar é o que conecta o Caribe, muito mais do que o isola.

Não são levados apenas artefatos materiais para as empreitadas de mobilidade caribenha. São carregadas as culturas, as línguas, as religiosidades e, principalmente, a poesia, que é carregada e expressa pelo mundo a partir

---

<sup>2</sup> O termo “migração” pode representar diversos processos de deslocamento humano de suas mais variadas formas, envolvendo deslocamento (emigração, imigração) dentro de um território nacional, internacionalmente, em nível continental ou global, seja de indivíduos, famílias, grupos ou em massa. No seu uso, represento todo o movimento que envolve o deslocamento, desde o local de partida, os trânsitos e os locais de passagem, até o destino, assim como suas dinâmicas.

das novas experiências e olhares. Na literatura, representações de si, representações do outro, representações do movimento, do itinerário, do entrelugar.

Nessa perspectiva, é importante situar a relevância da compreensão da conexão atlântica para o Caribe. O oceano Atlântico trouxe até as Antilhas os sujeitos e as culturas que a formaram. Trouxe diferentes povos e ideias, que, como Stuart Hall (2013) salienta, elaboraram a maior fusão identitária do período colonial. Trouxe milhares de pessoas em uma diáspora forçada por meio da escravidão; trouxe as Áfricas para o Caribe, que se tornou negro. No decorrer da história, foi esse mesmo oceano que levou caribenhos para outros lugares e ele mesmo que os trouxe de volta, porém diferentes: caribenhos olhando para si e para os outros de outra maneira. Como pontua Saramago (1980), “é preciso sair da ilha para ver a ilha”, e o caminho de sair, a onda que leva e que traz, é atlântica.

Neste artigo, inicio demonstrando como a diáspora torna-se uma característica identitária-cultural no Caribe, a partir da formação da região durante o período colonial. A mobilidade coloca-se para os sujeitos antilhanos como uma necessidade, mas também como uma alternativa: os povos caribenhos vieram de todos os lugares, e todos os lugares são também um pouco de sua casa. Especifico, entre os países caribenhos, a relação haitiana com a diáspora dentro da história do país. A recente onda migratória haitiana ao Brasil, principalmente durante a década de 2010, vem possibilitando novos olhares e contatos entre os países, e convida brasileiros(as) a olhar com maior atenção as relações e produções intelectuais e literárias do Haiti e do Caribe.

Num segundo momento, converso com três teóricos para pensar como o movimento e o sujeito caribenho são formados nesse espaço de trânsito. Para tal, dialogo com o conceito de criouliização, de Édouard Glissant (2005), de meta-arquipélago, de Antonio Benítez Rojo (1989), e de radicante, de Bourriaud (2009). Esse diálogo teórico

ajuda a localizar a produção literária diaspórica caribenha e a maneira como a identidade cultural e as migrações são formadoras desse processo.

No terceiro momento, a partir das discussões já realizadas, comento a forma como a produção intelectual e, principalmente, literária do Caribe começa a destacar-se a partir dos movimentos migratórios do século XX: a mobilidade, o trânsito como uma forma de expressão poética, de compreensão do outro e principalmente de olhar para si. E, por fim, para dialogar com produções literárias, observo essas características debatidas na produção literária diaspórica haitiana contemporânea de grandes nomes, como Dany Laferrière e Edwidge Danticat, e como essas características podem ser observadas também na produção contemporânea da comunidade haitiana que está produzindo literatura no Brasil.

### **Formação do Caribe: a migração como identidade**

O conceito de diáspora, ligado inicialmente aos processos de mobilidade judaicas em consequência de perseguições político-religiosas, possui características distintas quando se refere a populações negras na América. Essa diáspora, também conhecida como a diáspora negra, é resultante de um processo de mobilidade forçada, baseado na violência, e com o objetivo de dar lucro ao modelo agroexportador de comércio utilizado pelas potências europeias colonizadoras durante o período expansionista (do século XVI até o século XIX). Esse caráter de diáspora forçada, sem consentimento e baseado em torturas físicas e psicológicas por parte dos colonizadores, precisa ser salientado quando falamos sobre situações do presente, pois cada momento da América está diretamente ancorado nesses processos históricos.

Nesse sentido, as populações negras na América foram retiradas de forma forçada de seu lugar, transformadas em instrumentos mercantis e de trabalho não

humano, consideradas sem memórias, história ou afeto. Assim, cada situação atual de luta por igualdade e cidadania é ainda uma forma de reduzir os danos incontáveis da violência colonial sobre essa população. Nesse sentido, vale a pena sempre ressaltar o que diz o martiniqueño Aimé Césaire em seu *Discurso sobre o colonialismo* (2010), quando menciona que a Europa é indefensável e responsável pelo maior massacre da história, pela pilha de corpos, pela coisificação dos seres:

Eu, eu falo de sociedades esvaziadas delas mesmas, de culturas pisoteadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas. [...] Falo de milhões de homens aos quais sabiamente se lhes inculcou o medo, o complexo de inferioridade, o temor, o pôr-se de joelhos, o desespero, o servilismo. (Césaire, 2010, p. 32)

Sujeitos levados sequestrados para o outro lado do Atlântico e a reinvenção necessária nesse novo lugar são parte importante da formação das Américas e da história das populações negras. Quando falamos de Caribe, estamos falando não apenas de um conjunto de ilhas, mas do local onde a América como colônia se iniciou. Dessa forma, existem questões e relações intensas com a migração e a violência nesse espaço. Como citado, Glissant (2005) entende o Caribe como uma espécie de introdução para aquilo que viria a acontecer no restante da América, pois foi onde o primeiro navio negreiro desembarcou africanos escravizados e onde iniciou-se a violência. Mas não só isso, pois, em consequência, foi onde também se iniciou a resistência.

Para Antonio Benítez Rojo (1989), é o Caribe que mantém as maiores feridas do colonialismo e é ele que dá nome ao Atlântico de hoje. O autor salienta como o Caribe é de certa forma o início do mundo como o vemos na atualidade, mas que por essa experiência enfrenta até hoje as dores das feridas que ainda não foram cicatrizadas:

*el Atlántico es hoy el Atlántico (el espacio del capitalismo) porque Europa, en su laboratorio mercantilista, concibió el proyecto de inseminar la matriz caribeña con la sangre de África, y aún de Asia; el Atlántico es hoy el Atlántico (NATO, Mercado Común Europeo, etc.) porque fue el parto doloroso del Caribe, su vagina distendida entre ganchos continentales, entre la encomienda de indios y la plantación esclavista, entre la servidumbre del coolie y la discriminación del criollo, entre el monopolio comercial y la piratería, entre la fortaleza y la capitulación; toda Europa tirando de los ganchos para ayudar al parto del Atlántico: Colón, Cabral, Cortés, de Soto, Hawkins, Drake, Hein, Rodney, Surcouf... Después del flujo de sangre y de agua salada, enseguida coser los colgajos y aplicar la tintura antiséptica, la gasa y el esparadrapo quirúrgico; entonces la espera febril por la cicatriz: supuración, siempre la supuración. (Rojó, 1989, p. 117)*

Quando falamos de identidade e diáspora caribenha é preciso reconhecer e identificar as limitações e violências impostas pelo colonialismo. Para Hall (2013), existe uma diferenciação necessária a ser realizada quanto à diáspora caribenha no tocante à formação das populações, pois elas têm origem nos quatro cantos do globo, já que a “distinção de nossa cultura [caribenha] é manifestante o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus” (Hall, 2013, p. 34). Essa formação tão diversa acaba por diminuir os efeitos dos binarismos de pertencimento, de modo que toda a população é de alguma forma “de outro lugar”, mas também “daqui”. São sujeitos que se moldam no entrelugar, e a mobilidade diaspórica não deixa de ser “sua casa”. O aprofundamento desta pesquisa busca observar essas características na comunidade haitiana, que pelo recente grande fluxo migratório ao Brasil, a partir de 2010, vem ocupando espaços nas pesquisas e nas produções intelectuais, literárias e artísticas nas regiões em que vivem.

O Haiti, depois de muito tempo de exploração colonial, tornou-se independente da Coroa francesa em 1804,

após anos de organização e revoltas da população negra escravizada. Esse país, localizado no lado oeste de uma ilha no Caribe, rompe com o colonialismo, por meio de um movimento único na história: uma revolução negra, que cria a primeira e única nação negra do continente americano. O temor de que os ideais de revolta (e de vitória) chegassem às pessoas escravizadas de outras colônias, as cobranças realizadas pela Coroa francesa pelo território e a desigualdade que perdurou na estrutura de poder no Haiti após a independência acabaram por gerar um país isolado social e economicamente.

Após a independência, as medidas para controlar o país continuaram refletidas principalmente na sua estrutura política, sendo elas: poder político-econômico concentrado em um pequeno grupo mulato, grande instabilidade, diversos governos autoritários, ditaduras, ocupação e controle estadunidense, golpes de Estado, altos índices de corrupção e poucas políticas públicas e sociais. Como consequência desses processos, o Haiti acabou por criar uma dinâmica de “expulsão” da população do seu país, no sentido de que as possibilidades de boas condições de vida e de ascendência social foram constantemente retiradas da população.

Sendo assim, por diversas gerações, a população haitiana busca, mediante a migração para outros países, acesso a condições que o Estado haitiano, pelo processo de empobrecimento e controle estrangeiro, não consegue dar à população. Handerson (2015, p. 187) confirma que, a partir dessa estrutura, para a comunidade haitiana, a mobilidade “se impõe como uma realidade social de primeira ordem”, já que é por muito tempo um modelo econômico e social incorporado à cultura do país como possibilidade de acesso a direitos básicos, de cidadania e de sobrevivência.

Nesse sentido, dadas as condições precárias que foram sendo experienciadas pela comunidade haitiana ao longo de sua história, e considerando a análise de Hall (2013) sobre o pertencimento ao “não lugar”, ao seu lugar mas também aos outros lugares, além da história de

reinvenção vivida pela comunidade haitiana por meio da língua crioula e pelo vodu, por exemplo, a migração se constitui como estratégia para sobrevivência, mas também como forma de luta e resistência pela ocupação do seu espaço no mundo, que não pode ser definido pelos binarismos implantados pelo ocidente. A migração é uma identidade e um movimento constante, e estar em determinado lugar hoje não significa que se trate de um lugar permanente (Handerson, 2015).

Dessa forma, a migração é, além de estar fora do seu país por questões de necessidade, uma forma de vida e uma característica identitária. É nesse movimento de análise que fica evidente a centralidade da diáspora para entender a história do Caribe e definir a migração como elemento identitário e cultural, de maneira que ela molda as diversas formas de relação, econômicas e familiares, além das políticas e sociais. A diáspora, movimento que formou o Haiti e o Caribe, é ainda o movimento e o modelo organizacional que definem não apenas aqueles que deixam o país, mas também aqueles que ficam. Define e identifica um conjunto de povos, banhados pelo mar, que, enquanto navegam, estão também em casa.

### **A teorização do movimento: criouliização, meta-arquipélago e o radicante**

Quando há muito tempo se caminha pelo mundo, há muito tempo se leva seu mundo a outros mundos. A migração, a diáspora e o Atlântico, como partes constituintes da identidade caribenha, estão ligados diretamente com a formação histórica do conjunto de ilhas, na mesma medida em que formam as novas relações do Caribe com o restante do mundo. No entanto, muito do que o Caribe carrega em sua diáspora não pode ser visto necessariamente em forma física, dentro das mochilas e malas, em formato de livros, fotografias e objetos. Muito do Caribe é carregado por esses sujeitos em si, em suas crenças, suas

expressões artísticas, sua intelectualidade, sua forma de se relacionar com o outro, de escrever e poetizar o mundo.

A princípio, é importante observar como se forma o próprio Caribe que hoje se movimenta pelo mundo. Segundo as reflexões de Édouard Glissant (2005), durante o processo de colonização nesse espaço havia três povos diferentes: os meso-américa, que sempre estiveram aqui (populações ameríndias), os euro-américa, que são os europeus que vieram para a América, mas que continuam praticando sua própria cultura, e os neo-américa, populações africanas que, por meio da violência, são obrigadas a absorver das outras duas culturas, ao mesmo tempo em que as influenciam. Seguindo a reflexão, Glissant nos diz que existiram três tipos de imigrantes nas Américas: o migrante armado, que chega com suas armas e barcos e se diz fundador, o migrante familiar, sujeito que chega com os hábitos, panelas e fotografias de família, e, por fim, o migrante nu, que são os sujeitos trazidos de forma forçada. Enquanto os migrantes armados e familiares puderam migrar com tudo que lhes cabia, como canções, tradições, instrumentos, deuses e línguas, os migrantes nus africanos nada puderam trazer com eles nada, e era garantida a separação de pessoas que vinham dos mesmos lugares para que não sustentassem possíveis tradições.

A partir disso, esses migrantes nus realizam o que o autor denomina criouliização: por meio de rastros e resíduos que cada sujeito tinha em sua memória, compuseram uma cultura completamente nova e que pudesse contemplar a todos, com seus próprios instrumentos, religião, língua, tradições, músicas e danças. Glissant explica que, diferentemente da forma colonizadora de influenciar, que é como uma flecha, apenas em uma direção, o migrante nu influencia em forma de circularidade, espiralidade, radiação, que adquire e engloba todos os sentidos. Para ocorrer a criouliização, o autor enfatiza a necessidade de equivalência entre as culturas que se influenciam, não podendo haver uma hierarquia entre elas, ou o sentido de

influência acaba por ser o de flecha. Dessa forma, Glissant destaca que esse processo não aconteceu em muitos locais da América, já que a cultura africana era pisada e subalternizada, mas ocorreu no Caribe e no Nordeste do Brasil, por exemplo, mesmo que não de modo justo e equilibrado. Para o autor, esse movimento de criouliização continua ocorrendo nos processos de migração e acontece com o equilíbrio, valorizando a herança africana e a de seu próprio ser inferiorizado (Glissant, 2005).

Essa reflexão de Glissant se manifesta de duas formas importantes para o pensamento em torno do Caribe e sua atual expansão por meio da diáspora: uma delas é compreender que o próprio Caribe é formado por um conjunto de culturas que compuseram uma cultura completamente nova que existe mediante o processo de criouliização, nomenclatura que vem das próprias línguas crioulas, que não são variações ou dialetos, mas línguas completamente novas criadas de diversas outras diferentes entre si. Outra questão importante é que o Caribe desenvolve um processo influenciador em forma de espiral, ou seja, possibilita que, mesmo em contato com qualquer outra cultura, quando em equidade de valorização, o Caribe tem o poder de influenciar e ser influenciado de forma a contemplar todas as culturas envolvidas, o que pode dizer muito sobre os processos atuais de migração caribenha. Como expõe Glissant:

Os fenômenos de criouliização são fenômenos importantes porque permitem praticar uma nova abordagem da dimensão espiritual das humanidades. Uma abordagem que passa por uma recomposição da paisagem mental das humanidades presentes hoje no mundo. Porque a criouliização supõe que, os elementos culturais colocados em presença uns dos outros devam ser obrigatoriamente “equivalentes em valor” para que a criouliização se efetue realmente. (Glissant, 2005, p. 20-21)

A reflexão de Glissant também possibilita observar que, atualmente, a comunidade haitiana que migra para

o Brasil, por exemplo, não é um migrante nu, pois traz consigo toda a bagagem cultural e espiritual de seu país e com ela influencia e é influenciada nos novos espaços que ocupa. A valorização desta, dos traços caribenhos e africanos que carrega, é também uma forma de possibilitar que o processo de criouliização continue. A interpretação de Glissant é a de que o mundo está em processo de criouliização na modernidade, com o grande movimento de culturas distintas em contato e relação, e, nesse sentido, os resultados são imprevisíveis.

Cabe também nesse momento em que observamos o Caribe como formação e expansão, a percepção trazida por Antonio Benítez Rojo (1989), de que o Caribe seria na verdade um meta-arquipélago, isto é, diferentemente da estrutura de arquipélago que é conceituado como um conjunto de ilhas próximas em superfície marítima, o Caribe ultrapassa essa conceituação em teoria e geograficamente. Para o autor, o Caribe não tem uma definição fixa de início e fim e não possui um centro. Rojo defende que o Caribe ultrapassa as fronteiras definidas pelo mapa, que está historicamente e geograficamente posicionado no cenário universal com muito mais importância do que é cientificamente evidenciado. Para dar alguns exemplos, Rojo nos diz que não existiria o oceano Atlântico, na forma que o conhecemos hoje, sem o Caribe. Também cita a importância do Caribe para a constituição do próprio capitalismo: sem a acumulação de capital gerada a partir da colonização do Caribe, a Europa não teria tido forças para realizar tão rapidamente a Revolução Industrial.

O autor salienta que o Caribe não pode ser visto por vias binárias, em estruturas fixas, retas – convergindo aqui com as ideias de criouliização/espiral de Glissant (2005) e as ideias de não binariedade de Hall (2013) –, mas como um movimento constante, uma presença universal que tem sua sede física no conjunto antilhano do Caribe, mas que não é sua definição ou localização. O Caribe está em todo lugar.

La cultura de los archipiélagos no es terrestre – como son casi todas las culturas –; es fluvial y marina. Se trata de una cultura de rumbos, no de rutas; de aproximaciones, no de resultados exactos. Aquí el mundo de las líneas rectas y los ángulos (la esquina, el plano inclinado, la encrucijada) no domina; el que domina es el mundo fluido de las curvas. La cultura de los meta-archipiélagos es un eterno retorno, un detour sin propósito o meta, un rodeo que no lleva a otro lugar que a sí mismo; es una máquina feed-back, como es el mar, el viento, la Vía Láctea, la novela, la naturaleza, la cadena biológica, la música. (Rojo, 1989. p. 121)

Esses autores nos ajudam então a localizar melhor não apenas os aspectos da mobilidade visível de sujeitos caribenhos pelo mundo, mas uma forma de observar a presença do Caribe como um participante ativo da história global, que por muito tempo produz, registra e deixa suas marcas pelo mundo. A estrutura de meta-arquipélago de Rojo (1989) nos ajuda a enxergar pelo mundo o movimento de um Caribe não tão visível, por pura falta de observação, e que não se limita às suas fronteiras geográficas rodeadas pelo mar, mas que utiliza de suas ondas para espalhar-se pelo mundo.

Muito desse movimento pode ser observado na produção intelectual e literária caribenha, que é frequentemente realizada fora do espaço territorial. Grandes intelectuais, principalmente a partir do século XX, deixam o Caribe para estudar em países europeus e, apesar de muitos retornarem e produzirem no país natal, também muita elaboração ocorre na diáspora. As dimensões da diáspora na produção escrita são bastante evidentes em termos físicos, no sentido de que muita produção caribenha ocorre fora do Caribe, mas também demonstrada na forma como são elaboradas as narrativas, teorias e literaturas.

Nessa linha de análise, outra reflexão teórica, dessa vez elaborada por Nicolas Bourriaud (2009), pode colaborar para entender de que forma a mobilidade interfere na forma de produção dos escritores e leitores ou como os escritores e leitores interferem no espaço que ocupam

na diáspora. Bourriaud usa uma metáfora biológica para representar formas estéticas que, segundo ele, nascem do movimento e do contato entre diversas culturas. O autor utiliza na sua reflexão determinadas raízes de plantas: algumas plantas são radicais, determinadas pela sua fixação no solo e apenas se desenvolvem nessa forma específica de relação com a terra. Outras plantas são radicantes, crescem de acordo com o solo que as recebe, se adequando ao terreno e fazendo com que suas raízes cresçam para diversos lados. O autor utiliza dessa explicação biológica para dividir momentos históricos da produção artística e cultural: segundo ele, a cultura moderna atuou como radical, idolatrando a origem, buscando raízes, pureza, monolinguismo etc. Já a cultura contemporânea se assemelha às raízes radicantes, formadas no itinerário, crescendo para diversos lados ao mesmo tempo, buscando o entrelugar, o entrelínguas, sendo influenciada pelo espaço que ocupa:

*el adjetivo radicante califica a ese sujeto contemporáneo atormentado entre la necesidad de un vínculo con su entorno y las fuerzas del desarraigo, entre la globalización y la singularidad, entre la identidad y el aprendizaje del Otro. Define al sujeto como un objeto de negociaciones.* (Bourriaud, 2009, p. 57)

Com o auxílio das reflexões de Bourriaud, é possível observar que a produção artística e cultural produzida na mobilidade pode ser identificada como radicante, no sentido de que, apesar de completamente envolvida com a cultura e o espaço onde o sujeito foi formado socialmente, toda a experiência transitória que vivencia conhecendo outras culturas pelo mundo faz agora parte intrínseca do que o sujeito é e, conseqüentemente, do que produz.

## **O século XX e a mobilidade como descoberta de si**

É de conhecimento geral que, no início do século XX, foi grande o movimento de jovens de classe média e

alta caribenhos que deixaram seus países e viajaram para a Europa com o propósito de estudar, frequentar boas escolas e universidades. Nesse movimento de chegar ao outro espaço (muitas vezes o do colonizador), esses jovens passam a relatar que conheceram não apenas a realidade europeia, mas compreenderam melhor sua própria realidade, compreenderam suas experiências, seu lugar histórico e social e como outros espaços e culturas os enxergam.

Frantz Fanon (2008), na obra *Pele negra, máscaras brancas*, reflete em diversos momentos sobre a sua própria experiência como um homem negro antilhano, que nasceu na Martinica, e mais tarde tem a oportunidade de estudar na Europa, em seu caso, na França, metrópole colonizadora que ainda hoje tem poderes administrativos sobre a ilha. Fanon nos diz:

O negro, na medida em que fica no seu país [antilhano], tem quase o mesmo destino do menino branco. Mas indo à Europa terá de reconsiderar a vida. Pois o preto, na França, seu país, se sentirá diferente dos outros. Já pretenderam apressadamente: o preto se inferioriza. A verdade é que ele é inferiorizado. (Fanon, 2008, p 133)

Nas reflexões do autor, quando sai da Martinica e vai viver na França, percebe-se negro e colonizado. Fanon, a partir disso, reavalia como era sua relação com essas questões enquanto vivia no Caribe e como as ideias foram formuladas nele enquanto vivia no seu país. Ele reflete:

Nas Antilhas, o jovem negro que, na escola, não para de repetir “nossos pais, os gauleses”, identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca. Há identificação, isto é, o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco. [...] Quando, na escola, acontece-lhe ler histórias de selvagens nas obras dos brancos, ele logo pensa nos senegaleses. Quando éramos estudantes, discutíamos durante horas inteiras sobre os supostos costumes dos selvagens senegaleses.

Havia, no nosso discurso, uma inconsciência pelo menos paradoxal. O antilhano não se considerava negro; considerava-se antilhano. O preto vivia na África. Subjectivamente, intelectualmente, o antilhano comportava-se como um branco. Ora, ele é preto. E só perceberá quando estiver na Europa; e quando por lá alguém falar de preto, ele saberá que se está referindo tanto a ele como ao senegalês. (Fanon, 2008, p. 132)

Nesse sentido, deixar a Martinica faz com que, necessariamente, Fanon repense sua realidade: não apenas a nova realidade que vive no exterior, onde passa a perceber-se como um sujeito colonizado e negro, mas repensa a realidade que viveu na Martinica, algumas de suas características, sua própria identidade. Nesse sentido, estar em diáspora é, necessariamente, repensar e reconsiderar a vida, como pontua o autor. Ser um ser pensante, conhecendo a realidade do outro, é um impulso para repensar a própria realidade.

Como escreve Rocha (2017), desde o processo de colonização é construída fora das Antilhas uma perspectiva de lugar paradisíaco, majestoso, mas um lugar de passagem, para visitar e desfrutar das suas belezas naturais. A visão do outro, para a autora, não considera a população ou as expressões culturais dos países caribenhos. Rocha realiza uma reflexão em torno das Antilhas a partir da ideia de *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, para demonstrar o papel do deslocamento na literatura pós-colonial nas Antilhas. Segundo as reflexões de Rocha (2017), o conto demonstra como sair, deslocar-se geograficamente, é um movimento também de olhar para si próprio:

A fábula insiste sobre a necessidade de quebra de paradigmas, de saída das numerosas zonas de conforto para ancorar em espaços plurais marcados por dúvidas, descobertas, ressignificações e reapropriações das mais diversas. Entrar no barco rumo à ilha desconhecida consiste em perceber o imperativo de se ver o outro e a si mesmo sob outros ângulos, de mudar as perspectivas, de reivindicar múltiplas facetas e interpretações para si mesmo e para o que nos cerca. (Rocha, 2017, p. 221)

O conto trabalhado pela pesquisadora evoca também um pouco da reflexão que é possível realizar sobre a produção haitiana diaspórica contemporânea, que busca expor em sua escrita literária as representações e questionamentos não apenas do Haiti ou do lugar em que os autores agora vivem, mas também sua experiência e conhecimento do movimento para destacar o que acreditam ser importante, como sujeitos que ao conhecer outras realidades olham de forma diferente para o país que deixaram. Rocha ressalta que o seguinte trecho do conto de Saramago tornou-se muito reconhecido mesmo para quem não lê o autor:

quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, não chegas a saber quem és, O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo o homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava importância, tu que achas, Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós. (Saramago, 1980, p. 10-11)

Nesse sentido, esses jovens intelectuais que deixaram o Haiti no início do século XX realizaram produções intelectuais e literárias pensando sua própria realidade, e formas de utilizar o conhecimento, tanto intelectual como pessoal, para repensar a realidade em que cresceram.

A ligação da migração com a identidade e o conhecimento é o que forma a força da diáspora, que continua projetando e tentando transformar as realidades. Esse argumento pode ser relacionado também com a ideia de meta-arquipélago elaborada por Antonio Benítez Rojo (1989), pois, como pontua o autor, o Caribe tem uma característica marítima, não linear, um eterno retorno a si mesmo, rotas que não levam a outro lugar se não a si mesmo, como é o mar. Se apreciarmos a questão da circulação de ideias da diáspora nessa perspectiva, pode-

mos observar como ela parte do Caribe, transita e flui por diversos lugares e retorna ao Caribe, estando o Caribe em todo lugar, ultrapassando qualquer barreira territorial fixa. A diáspora aflora a circularidade cultural, intelectual, popular e ideológica caribenha.

### **Produção literária haitiana contemporânea: a onda que leva e que traz**

Na produção literária haitiana contemporânea é possível observar a dimensão da migração, das influências exteriores e de como a produção não pode ser restrita ao território da ilha, convergindo com as noções das teorias expostas. Podemos observar em literatos(as) contemporâneos(as) como as experiências de diáspora influenciam não apenas sua produção, mas suas leituras de mundo, as línguas que utilizam e os sentimentos sobre as culturas.

Um dos autores haitianos contemporâneos mais reconhecidos, Dany Laferrière, que tem renomada notabilidade e representatividade midiática, saiu do Haiti ainda muito jovem, em fuga do governo ditatorial de Jean-Claude Duvalier (BabyDoc), e vive até hoje no Canadá, já tendo nacionalidade canadense. Em 2013 Laferrière foi eleito para Academia Francesa, sendo o primeiro cidadão não francês e o segundo negro a receber esse título. O autor, que produz em francês, faz, de toda forma, literatura haitiana, e é assim reconhecido internacionalmente.

É interessante observar que a produção não é escrita necessariamente na língua falada ou utilizada no país natal. Dany Laferrière escreve em francês e em diversas obras realiza uma ligação estreita com o crioulo haitiano. Inclusive em uma de suas obras autobiográficas, *País sem chapéu*, o personagem diz que “tem coisas que eu só saberia dizer em crioulo” (Laferrière, 2011, p. 162). Nessa mesma obra, traduzida para português, o autor faz também a relação da língua como sua casa, sobre como é falar crioulo no Haiti quando retorna, depois de vinte anos fora:

A língua Mergulho de cabeça nesse mar de sons familiares. Uma melodia conhecida que cantarolamos facilmente, mesmo se há muito não ouvimos a canção. Confusão de palavras, de ritmos na cabeça. Eu nado sem esforço. A palavra líquida. Não procuro entender. Enfim, meu espírito descansa. Parece que as palavras foram mastigadas antes de me serem servidas. Nem um osso. Os gestos, os sons, os ritmos, tudo faz parte da minha carne. O silêncio também. Estou em casa, quer dizer, na minha língua. (Laferrière, 2011, p. 72)

Laferrière carrega em sua escrita essas características radicantes, expressando em suas obras muito do Haiti que deixou e muito de sua trajetória, de sua vida itinerante. Expressa também muito do meta-arquipélago de Rojo, de forma que ao mesmo tempo que está fora, está dentro, vive no entrelugar (geográfico, de culturas e de línguas) e realiza sempre um retorno a si. A tradutora de Laferrière no Brasil, Heloisa Moreira, escreve no posfácio de *País sem chapéu* o seguinte parágrafo, que demonstra essa característica do autor, em que as fronteiras, territórios e continentes têm diferentes significados, se unem e se repelem:

No exílio, nasceu o escritor. Um escritor que se expressa numa língua que não é a sua e vive em um país que não é o seu. Contudo, o exílio não é só um afastamento, é também uma aproximação com o novo. Não é só um lugar que desenraíza, mas também uma ponte possível para outras culturas, o que permite aproximar dois mundos diferentes. Aliás, Laferrière costuma afirmar que o único exílio que conhece é o do tempo: sente-se exilado de sua infância, pois já não pode mais alcançá-la. (Laferrière, 2011, p. 222)

Em contrapartida, outra autora haitiana contemporânea muito reconhecida, Edwidge Danticat, que vive desde os doze anos de idade nos Estados Unidos, produz unicamente em inglês. Sua produção é frequentemente premiada, e as temáticas de sua escrita são voltadas para a política haitiana, a diáspora e as histórias de pessoas

comuns que viveram o exílio, a migração, os horrores das ditaduras e os amores do Haiti. Além da produção caribenha acontecer em diversos lugares do mundo, ela ocorre também em diversas línguas, o que faz com que alcance também diferentes públicos e leitoras(es).

Danticat tem também uma trajetória muito interessante, retratada em sua obra autobiográfica, traduzida no Brasil como *Adeus, Haiti*, em 2010. A autora, que representa em sua obra também sua trajetória e seus movimentos, assim como Laferrière, não concorda com nomenclaturas que foram impostas a ela que desconsideravam esse transitório:

Por ter, em grande parte de suas publicações, a temática do Haiti como um dos pontos focais, a autora chegou a ser rotulada pela crítica norte-americana como “a voz literária do Haiti”. No entanto, Danticat acredita que ser tida como a voz do Haiti silencia a multiplicidade de vozes e trajetórias haitianas e generaliza a sua escrita, que, na verdade, reflete a singularidade de suas preocupações tanto enquanto haitiana, mas também como imigrante e estadunidense. É possível também perceber nessa ênfase que a crítica dá a sua origem haitiana um intuito de separar Danticat dos autores cânones norte-americanos e exotizá-la, colocando-a em um local mais bem estabelecido, distanciado e confortável. A autora desafia essas críticas e mostra em sua escrita toda a complexidade e multiplicidade de sua perspectiva. (Abreu; Ferreira, 2016, p. 2)

Nesse sentido, para autores em diáspora, não é possível separar o lugar onde nasceram e formaram-se socialmente daqueles em que transitaram. O reflexo desses sujeitos na sua escrita radicante, que cresce para todos os lados de acordo com as possibilidades do lugar onde estão, é um dos elementos que torna a produção literária diaspórica tão interessante: um reflexo e identificação de nosso momento histórico de movimentos, encontros, trocas, crioulização. Como escreve o autor congolês Alain Mabanckou, também escritor em trânsito:

Quando me perguntam se a emigração – o deslocamento – influi sobre minha escrita, é impossível para mim dar uma resposta precisa e definitiva... Talvez por eu estar cada vez mais persuadido de que o deslocamento, o cruzamento das fronteiras, nutre minhas angústias, contribui para criar um país imaginário que, finalmente, se parece com minha terra de origem. Isso vem da minha própria busca interior, da minha maneira de conceber o universo. Optei há muito tempo por não me fechar, por emprestar meus ouvidos ao barulho e ao furor do mundo, por jamais considerar as coisas de maneira inflexível. (Mabanckou, 2021, p. 123)

Esses exemplos de autores(as) que produzem e são premiados(as) fora do Caribe demonstra também o alcance que a produção caribenha tem por meio da mobilidade. A presença desses sujeitos haitianos nesses diferentes territórios gera diferentes espaços para a cultura e a produção deles. Como exemplo, também podemos observar o que ocorre no Brasil a partir do momento em que a presença haitiana cresce no país: as produções intelectuais que pensam questões relacionadas ao Haiti e ao Caribe aumentam consideravelmente nas universidades, produzidas tanto por haitianas(os) quanto por brasileiras(os). Esse movimento, no qual minha relação com a temática se inclui, é um dos aspectos ligados diretamente à circulação intelectual que parte da diáspora.

Pode ser considerada uma consequência da circulação de pessoas, da cultura e da intelectualidade haitiana no Brasil a iniciativa da retradução da obra haitiana *Señhores do orvalho*, de Jacques Roumain (1954), depois de quase setenta anos da primeira tradução (organizada por Jorge Amado, em 1954). Essa obra é considerada um dos maiores clássicos haitianos e foi a primeira obra literária caribenha de expressão francesa traduzida no Brasil. Essa nova tradução e publicação em 2020 demonstra um interesse renovado pelo Haiti, pela sua produção literária e por sua cultura. Os significados disso para a circulação dos saberes em torno do Haiti e do Caribe é gigantesco: a

mobilidade gera uma necessidade e um interesse e, conseqüentemente, possibilita traduções e espaços.

A exemplo desses novos espaços da literatura haitiana no cenário brasileiro, temos também a personagem Dominique, uma imigrante haitiana retratada no conto “Meu mar (fé)”, de Itamar Vieira Junior, presente na obra *Doramar ou a odisseia* (2021); temos a recente antologia de poesia haitiana contemporânea, traduzida por Henrique Provinzano Amaral (2020), na obra *Estilhaços*, de 2020, e a tradução de mais uma obra de Edwidge Danticat (2021), lançada pela Tag Livros e traduzida por Ana Ban, em 2021, *Clara da luz do mar*.

Essa circularidade de intelectualidade, produção literária e cultura haitiana não se restringe aos autores reconhecidos, mas ocorre em todos os espaços de sociabilidade possibilitados a partir da migração, nos espaços culturais, universitários e nos espaços de sociabilidade. Essa produção haitiana ocorre no Brasil e indica que os migrantes se identificam, o que sentem e buscam para si e seu país, mas também seu pertencimento a outros lugares, seus sentimentos e expressões referentes à convivência com outras culturas. Nesse sentido, o escritor Alain Mabanckou fala sobre sua concepção identitária, como um escritor e um migrante:

Minha concepção de identidade ultrapassa em muito as noções de território e de sangue. Cada encontro me alimenta. De nada valeria se limitar ao território, ignorar a multiplicidade das interferências e, além disso, a complexidade dessa era nova que nos liga uns aos outros, longe das considerações geográficas. (Mabanckou, 2021, p. 129)

Pensando na migração e na produção literária, Mabanckou (2021, p. 123) diz que “eu não me tornei escritor por ter emigrado, mas, em contrapartida, passei a ter um outro olhar sobre a minha pátria quando dela me distanciei”. Alain Mabanckou, autor contemporâneo que nasceu na República do Congo e viveu em trânsito entre

o país africano, a França e os Estados Unidos, fala sobre a mobilidade na sua formação como escritor. Ele se questiona: “O pássaro que não voou da árvore sobre a qual nasceu compreenderá o canto de seu compadre migratório?” (Mabanckou, 2021, p. 134). O escritor comenta como observa a forma com que sua própria maneira de escrever é influenciada pela mobilidade e a globalização:

Com a multiplicação dos meios de comunicação, criamos então aldeias, ramificações através do mundo. “Roma não está mais em Roma”, o escritor se torna então esse pássaro migratório que se lembra de sua terra distante, mas começa também a cantar do galho da árvore no qual está pendurado. Esses cantos de pássaros migratórios ainda fazem parte das literaturas nacionais? Não tenho certeza, tampouco estou convencido de que a literatura se contentaria com um espaço definido. Eu moraria em qualquer lugar do mundo desde que ele acomodasse meus sonhos e me deixasse reinventar meu universo. Eu sou ao mesmo tempo um escritor e um pássaro migratório... (Mabanckou, 2021, p. 128-129)

A mobilidade gera uma dinâmica diferenciada sobre o alcance da produção haitiana e, principalmente a partir da década de 2010, ela vem crescendo muito no território brasileiro. Um exemplo muito interessante dessa produção no Brasil foi a publicação do primeiro livro bilingue crioulo haitiano/português, feita em 2014 pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) por meio do programa Aluno-Artista, com as poesias de dois estudantes à época, Johny Hilaire e Wesner Saint Juste. Denominado *JepyePyeje: fulano fulano*, o livro contou com a produção de uma equipe contendo tradutoras, ilustrador e organizadores, que objetivaram salientar a importância da língua crioula para a comunidade haitiana e divulgar sua produção literária no Brasil. As poesias de Hilaire e Saint Juste, traduzidas para português, são uma possibilidade para que brasileiras(os) conheçam interpretações e emoções de haitianos sobre o mundo, sua própria língua e seu próprio país, como no poema “Fro vrè”, “Falsa verdade”, de Johny Hilaire:

## Fo vrè

Ansanm rakwen kat fasad pwen  
kadino tyelele vag lanmè  
Pa filyè zouti radyoteledyòl  
pètpèt mayi aparèy ideyolojik  
jakopèt  
Estatistik grandizè lemonn ap  
bege langay

depaman povrete dayiti  
Kistwa kolonyal bout di demanti  
kon chendemè  
dansan laloz sou pwòp bwatye

Jiskalèkile zantray espas jewo-  
grafik pote mak plaka maleng  
Krabinay bòt desanlye dwèt tou  
nan manch kolon panyòl  
K'ap gouye ak panyen lò vòl sou  
tèt anba vomisman dlo larivyè  
Ki trangle nan zo pekaw san'l  
koule nan lonbrik mètsiyen

Memwa chimi biyolojik sou fòm  
vapè kapte selil tras bokit san  
endye Ekzekisyon panyòl  
Albòm foto kamera astrolojik  
konsève pòz  
Lafrans k'ap dechèpiye  
Kagezon kann kafe kakawo digo  
fòs kouray zansèt tè dayiti  
Ant ti souf e lanmò san dèt en-  
depandans vèsè anba kout kouto  
ekonomi Lafrans  
Kouto debò trèt nò konkou sou-  
sou miske anvlimen  
Kangrennen mode blesi'n angiz  
pansman

Antretan estetik diskou mal  
abiye brandi mo lapòpòt pòv ou  
pannkak  
Lojik filozofik pa temwen listwa,  
jewografi, chimi biyolojik, kamera  
astrolojik  
Prefere diskou: Ayiti pa't pòv  
men te apovri Ayiti pa pòv men  
apovri

## Falsa verdade

Até o presente as vísceras do  
espaço geográfico Carregam as  
manchas das cicatrizes  
Das botas da colonização espa-  
nhola em busca de ouro

A memória da química biológica  
Sob a forma de vapor capta a  
célula  
Traço de sangue dos nativos  
executados

O álbum de fotos da câmera  
astroológica  
Guarda imagens da França ex-  
plorando  
Cargas de cana-de-açúcar, café,  
cacau.

Da força e coragem dos ances-  
trais do Haiti Entre o suspiro e a  
morte  
O sangue da dívida da indepen-  
dência  
Jorra sob uma fachada francesa  
na economia haitiana  
Faca de dois gumes: o traidor do  
norte com ajuda da nação  
Morde nossas cicatrizes abrindo  
a ferida

Entretanto, a estética do discur-  
so mal ajambrado  
Grita a palavra POBRE sobre o  
mural do mundo  
E a lógica filosófica por meio do  
testemunho da História,  
Da química, biológica, da câme-  
ra Astrológica

Prefere dizer:  
O Haiti não foi pobre  
O Haiti foi empobrecido  
O Haiti não é pobre  
O Haiti é empobrecido

(Hilaire; Juste, 2014, p. 75-76)

Nesse poema, Johny Hilaire denuncia os reflexos da colonização na atual situação econômica e social do Haiti e na construção do discurso sobre um Haiti que é pobre. Esse texto literário, escrito por um haitiano em crioulo e que fala sobre o Haiti, mas publicado no Brasil, é evidentemente um reflexo dessa circularização da produção literária e intelectual produzida pela diáspora. Os autores comentam que alguns desses poemas foram escritos no Haiti e trazidos em cadernos nas bagagens durante a viagem, e que outros foram escritos já no Brasil. De toda forma, o livro *JepyePyeje: fulano fulano* é uma produção da diáspora e uma forma de acessar o Haiti por meio da literatura.

Outro exemplo é a bela produção de poesia de Christopher Rive St. Vil, que escreve no Brasil, em português. O autor, na poesia denominada “O sufocante lugar de fala de quem não tem voz”, faz uma crítica aos preconceitos que sofre como migrante negro e sua intelectualidade e voz não reconhecidas/ouvidas:

Sou o que sou menos no olhar do OUTRO, cego, afogado no meu próprio sangue.

A minha voz, por isso, impera num túnel obscurecido, mas não ligo para esta vida, pois vivo num lugar assombroso de violência e num mundo patético, XENOFÓBICO, em que os indivíduos só olham para si sem ÉTICA.

De onde venho, tenebroso, sinistro, macambúzio, não existe esse LÉXICO, quem me descreve apenas num TÓPICO.

Não sou essa pintura AFÔNICA, pois os atos racistas não são inatos, negá-los é perpetuá-los.

Com tanto ódio, os costumes continuam/rão a ser IDÊNTICOS, já que a humanidade não se metamorfoseou, permaneceu egoísta, imperialista, misógina, EGOCÊNTRICA.

Certo, não é porque sou descendente de um grupo ÉTNICO e moro num barraco que, simples assim, carrego vários PREFIXOS ou sou vendedor de substância orgânica, ao contrário, essas hipóteses cheias de lacunas discriminatórias não me caracterizam.

A minha inteligência só cria PÂNICO numa socieda-

de desigual, marginalizada, DISTÓPICA. Enxurrada de egoístas sem lógica, com atraso mental.

Por causa da cor da minha pele, apresentam-me como um ser sem cultura, sem mente; um SÁDICO, num verso CRÍTICO.

Meu caro leitor! Neste sol melancólico, não me importa, aparência não significa sinceridade, são apenas palavras IRÔNICAS.

O que é raça? “Eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o outro e a prata” O que é união? Se eles querem encher seu bolso e logo me colocam à margem. (St. Vil, 2020, p. 204)

Essa produção na diáspora está ligada, segundo Roland Walter, à mensagem que se quer passar aos leitores, o compartilhamento da condição em que se encontra o presente para sujeitos subalternizados, como reflexo dos processos históricos. Trata-se de uma forma de compartilhar memórias e sentimentos em busca de um diferente destino.

Um dos objetivos principais da escrita negra na diáspora é o de voltar às raízes das ideias de subalternização (de hoje e ontem) para conscientizar os leitores da injustiça sofrida. O que constitui a poética-política desta transcrita mnemônica, portanto, é uma democratização da memória cultural distorcida, falsificada e silenciada pelos diversos discursos hegemônicos. Neste sentido, a volta aos horrores do Atlântico Negro na ficção contemporânea dos escritores afrodescendentes das Américas, por exemplo, envolve a recuperação de um senso de responsabilidade sincera e compartilhada pelo passado, presente e futuro. (Walter, 2021, p. 11)

Os espaços universitários têm sido também frequentes ambientes que possibilitam a circulação dos saberes e trocas culturais provenientes da diáspora. A comunidade haitiana, desde seu processo de chegada ao Brasil, vem ocupando cada vez mais as universidades, seja em instituições públicas ou privadas, e, conseqüentemente, produzindo material intelectual e promovendo debates de acordo com seus próprios interesses. Na mesma medida,

cresce o interesse de pesquisadoras(es) brasileiras(os) sobre os processos migratórios do país, sua população e o próprio Caribe. Realizando uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, há dezoito pesquisas entre 2000 e 2010 que contêm a palavra “Haiti” no título, e, se alterada a busca para o período entre 2010 e 2020, momento de crescimento da migração haitiana para o Brasil, o número aumenta para 81 pesquisas. Apesar de um dado simples e que é atravessado por diversas outras questões, a crescente presença haitiana no Brasil certamente é um dos principais motivos para esse aumento.

## **Conclusões**

Podemos concluir, com essas reflexões, como a história da América, principalmente a do Caribe, é formadora de uma região que foi terrivelmente assolada pela violência colonial, em forma de exploração, apagamento e silenciamento. No entanto, essa história também é feita de características que formaram uma região que resiste, que cultiva, que ressignifica, que criouliza: utiliza aquilo que suas memórias e afetos puderam guardar para reorganizar-se, estruturar um lugar, culturas e significados que lhe coubessem, que devolvessem a si próprios a humanidade arrancada a força.

A potência caribenha é expressa de forma intensa em sua produção literária, e sua identidade, em forma de espiral, de onda, de curvas, é representada em suas migrações, línguas, crenças, filosofias e poesias. Atualmente, a presença haitiana no Brasil vem trazendo à tona essas características, e a produção radicante, a literatura meta-arquipélaga, vem ocupando espaços sociais, universidades, praças e ruas.

Os objetivos deste artigo foram sintetizar algumas das minhas principais reflexões em torno da mobilidade como formadora de seres pensantes, produtores de conhecimento e, principalmente, da produção literária

itinerante, diaspórica e que carrega mundo, laços, lugares e sentimentos. O Caribe, como foi possível observar a partir das análises e dos diálogos com os autores e autoras, é um espaço plural, pulsante, que tem muito a colaborar e a ensinar.

É importante sinalizar como a onda caribenha foi formada no Atlântico, como espaço que supera a si mesmo, cujos movimentos transatlânticos, que carregaram muita violência e dor, foram tingidos de vermelho, de sangue negro, mas também e concomitantemente carregaram diferentes formas de ser e estar no mundo, de conectar, de construir. As ondas do Atlântico, na poesia, na literatura e na dialética caribenha, foram sendo crioulizadas, e agora não carregam mais apenas a dor. Essas ondas levam e trazem, acolhem, abraçam. São esperança e saudade, salgadas e doces.

A comunidade haitiana que vem ao Brasil ou que parte para outros lugares do mundo leva na bagagem o arsenal fantástico da literatura, da poesia e da resistência. Leva o Caribe. Leva em si o ritmo do crioulo, dos tambores, das divindades. Mas assim como o mar que cerca o Haiti e os países caribenhos, o movimento é sempre um retorno a si mesmo, e além de tudo que é trazido, há tudo aquilo que retorna. O Caribe e a literatura são ligados pelo mover-se, pelo movimento. É pelo movimento que se poetiza. É preciso que o mar balance. Um mar que leva. Um mar que traz. Um mar que cerca. Um mar que conecta. Um mar que expande.

## Referências

Abreu, T. G. L., & Ferreira, A. M. A. (2016). *Para uma crítica e tradução que considerem as poéticas do devir: traduzindo contos de Edwidge Danticat*. In *Encontro de Crítica e Tradução do Exílio, 2016, Goiânia*. Anais [...]. [S. l.: s. n.], 1-10.

Amaral, H. P. (Org.). (2020). *Estilhaços: antologia de poesia haitiana contemporânea*. Demônio Negro.

- Bourriaud, N. (2009). *Radicante*. Adriana Hidalgo.
- Césaire, A. (2010). *Discurso sobre o colonialismo*. Letras Contemporâneas.
- Danticat, E. (2021). *Clara da luz do mar*. Todavia.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA.
- Glissant, E. (2005). *Introdução a uma poética da diversidade*. UFJF.
- Hall, S. (2013). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Editora UFMG.
- Handerson, J. (2015). *Diaspora: As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa* (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Hilaire, J., & Juste, W. S. (2014). *JepyePyeje: Fulano Fulano*. Unicamp.
- Laferrière, D. (2011). *País sem chapéu*. Editora 34.
- Mabanckou, A. (2021). Elogios das fronteiras. In Z. A. Deus (Org.), *Uma outra história: textos contemporâneos* (pp. 121-136). Tag.
- Rocha, V. M. (2017). “É necessário sair da ilha para ver a ilha”: deslocamentos simbólicos na literatura (pós)colonial caribenha. In L. P. Nogueira (Org.), *Literaturas francófonas I: o século XX em debate* (pp. 217-233). Dialogarts.
- Rojo, A. B. (1989). *La isla que se repite: el Caribe y la perspectiva posmoderna*. Ediciones del Norte.
- Roumain, J. (1954). *Donos do orvalho*. Vitória. (Coleção Romances do Povo).

Saramago, J. (1980). *O conto da ilha desconhecida*. Editorial Caminho.

St. Vil, C. R. (2020). O sufocante lugar de fala de quem não tem voz. In O. Yamashiro & P. Oliveira Junior (Orgs.), *Parem as máquinas!: poesia: outros textos* (p. 204). Selo Off Flip.

Staudt, T. (2022). *“Senhores do orvalho” na bagagem: a literatura nas experiências de haitianos no Brasil* (Dissertação de Mestrado em Estudos Latino-Americanos). Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Vieira Junior, I. (2021). *Doramar ou a odisseia: histórias*. Toda-via.

Walter, R. (2021). Literatura e teoria da diáspora negra das Américas: entre tempos e lugares em busca de lares. *Literafro*, 1-14.